



# Carta de Taizé

Quando decidimos, juntamente com os responsáveis pela pastoral da juventude do Chile, que o nosso segundo encontro internacional na América Latina teria lugar em Santiago, entre 8 e 12 de Dezembro de 2010, não imaginamos que este ano de 2010 seria para os Chilenos um período em que as provações seriam bem à medida das alegrias. A preparação deste encontro de jovens, ao longo de todo o ano, permitiu que alguns dos nossos irmãos partilhassem de ambas.

Enquanto os Chilenos celebravam, com outros países latino-americanos, o bicentenário da implantação da República, a violência da terra e do mar os causou profundos sofrimentos.

O terremoto de Fevereiro afetou sobretudo os mais pobres. Contudo, a onda de generosidade que se ergueu das profundezas da alma chilena permitiu compreender que os Chilenos formam uma única família, solidária na adversidade. Muitos jovens chilenos foram ajudar os que tinham perdido casa e trabalho. Deram o seu tempo e energia para construir «mediasaguas», pequenas cabanas de madeira que serviram para alojamento temporário.

No mesmo ano, os povos nativos do Chile, em particular alguns grupos do povo mapuche, exprimiram através de uma longa greve de fome o seu sofrimento e as suas reivindicações.

Um pouco mais tarde, as imagens dos trinta e três mineiros que regressaram à superfície da terra depois do acidente na mina voltaram a dar alegria a todo um povo.

No início de Dezembro, o encontro internacional permitiu que vários milhares de jovens, não apenas do Chile mas de todo o continente, partilhassem alegrias, provações e desafios e contribuíssem assim para a construção de uma terra mais fraterna.

Alegramos-nos por acolher neste encontro alguns jovens do Haiti. A presença deles recordou a enorme angústia provocada pelo terremoto de Janeiro de 2010. As feridas estão longe de serem curadas. Se a situação político-social do país permitir, uma visita ao Haiti, situada entre o encontro de Santiago e o Encontro Europeu de Roterdão (no fim de Dezembro de 2010), nos permitirá expressar a solidariedade de jovens de todos os continentes e também a sua admiração: na adversidade, é a fé que mantém este povo de pé.

Continuaremos a rezar com eles ao longo de todo o próximo ano:

Deus, nossa esperança, te confiamos o povo do Haiti. Desconcertados pelo incompreensível sofrimento dos inocentes, te pedimos que inspires o coração dos que levam os indispensáveis socorros. Conhecemos a fé profunda do povo haitiano. Ajuda os que sofrem, fortalece os abatidos, consola os que choram, derrama o teu Espírito de compaixão sobre este povo tão ferido e tão amado.

CARTA 2011

## Carta do Chile

### ALEGRIA

A alegria do coração: eis a tua vida. Deixa a tristeza!<sup>1</sup> Este apelo de um crente que viveu muitos anos antes de Cristo nos é dirigido também hoje.

Nas nossas vidas, passamos por provações e sofrimentos, muitas vezes durante longos períodos. Contudo, gostaríamos sempre de tentar reencontrar a alegria de viver.<sup>2</sup>

De onde vem essa alegria? Ela é despertada pela surpresa de um encontro, pela duração de uma amizade, pela criação artística ou ainda pela beleza da natureza... O amor que nos é dado faz nascer uma felicidade que preenche aos poucos as profundezas da alma.<sup>3</sup>

E somos assim levados a seguir uma opção consciente pela alegria.

<sup>1</sup> Ver Eclesiástico 30,22-23. Um cristão do século II, chamado Hermas, também escreve: «Reveste-te da alegria... Viverão para Deus os que se tiverem despedido da tristeza para se revestirem de toda a alegria.»

<sup>2</sup> O que leva à realização de uma vida humana não são os feitos espetaculares, mas a alegria serena que toca as profundezas do coração. O caráter inacabado de toda e qualquer vida, os golpes e os sofrimentos não desaparecem, mas também não sufocam a serenidade

<sup>3</sup> O teólogo ortodoxo Alexandre Schmemmann (1921-1983) escreve no seu Diário: «Alegria por causa de nada, mas ainda assim alegria; alegria pela presença de Deus e pelo Seu toque na alma. E a experiência deste toque, desta alegria (que efetivamente «ninguém nos pode tirar», porque ela se tornou na própria profundidade da alma), esta experiência determina o curso, a direção do pensamento, a relação com a vida.»

Por vezes, os que conhecem a privação e a pobreza conseguem ter uma alegria de viver muito espontânea, uma alegria que resiste ao desalento.<sup>4</sup>

Quando, em várias ocasiões, a Bíblia convida à alegria, mostra qual é a sua fonte. Esta alegria não depende apenas das circunstâncias momentâneas; ela brota da confiança em Deus: «Alegrai-vos sempre no Senhor! De novo o digo: alegrai-vos... O Senhor está próximo.»<sup>5</sup>

Cristo não veio fundar uma religião que estivesse em concorrência com as outras. Nele, Deus partilhou a nossa condição para que cada ser humano se saiba amado com um amor de eternidade e encontre assim a sua alegria numa comunhão com Deus. Quando acreditamos nele, os nossos olhos abrem-se ainda mais a tudo o que é humano – o amor de uma mãe pelo seu filho, a dedicação dos que cuidam de doentes... nestes atos de generosidade, Cristo está presente, por vezes sem ser reconhecido.<sup>6</sup>

Cristo conduz à renovação radical do ser humano. Ele próprio viveu primeiro esta vida nova e lutou para permanecer fiel. Na noite em que foi preso, ele partiu o pão, pronunciando estas palavras misteriosas: «Este é o meu corpo entregue por vós.»<sup>7</sup> Sim, ele é «a Palavra que se fez carne.»<sup>8</sup> Ele transformou a sua morte injusta no dom da sua vida. Ressuscitado dos mortos, ele soprou sobre os seus discípulos para lhes comunicar o Espírito Santo, a própria vida de Deus.<sup>9</sup>

O Espírito Santo depositou a alegria de Cristo ressuscitado nas profundezas da nossa alma. Essa alegria não está presente apenas quando tudo é fácil. Quando nos deparamos com uma tarefa exigente, o esforço pode reanimar a alegria; e, mesmo nas provações, ela pode permanecer escondida como as brasas sob a cinza, contudo sem apagar.<sup>10</sup>

<sup>4</sup> Tantos anos depois, penso ainda naqueles que encontrei no Haiti quando visitei o país com o irmão Roger. Nesse país magnífico reina uma miséria profunda. Não posso esquecer aquelas mães que muitas vezes pela manhã não sabiam se durante o dia teriam alguma coisa para dar de comer aos seus filhos. E, contudo, para a maioria dos Haitianos, mesmo o grave terremoto de Janeiro de 2010 não conseguiu pôr em dúvida a confiança em Deus.

<sup>5</sup> Filipenses 4,4-5.

<sup>6</sup> Ver Mateus 25,35-40.

<sup>7</sup> Lucas 22,19.

<sup>8</sup> João 1,14.

<sup>9</sup> João 20,22.

<sup>10</sup> O padre Basílio Gondikakis, abade de um mosteiro do Monte Athos, exprime-o numa linguagem mística cheia de poesia: «Com o exemplo e a ajuda da Virgem, toda a alma pacífica e límpida, disponível para a vontade divina, pode tornar-se Mãe de Deus segundo a graça: conceber e engendrar uma pequena alegria que ultrapassa a morte.»

No louvor, nós a deixamos erguer-se dentro de nós, e de repente aquele momento torna-se iluminado.<sup>11</sup>

## COMPAIXÃO

A opção pela alegria não significa uma fuga dos problemas da vida. Pelo contrário, ela permite olhar para a realidade que está à nossa frente e até mesmo para o sofrimento.

A opção pela alegria é inseparável da opção pelo homem. Ela nos enche de uma compaixão sem limites.

Saborear, por muito pouco que seja, a alegria de Deus faz de nós mulheres e homens de comunhão. O individualismo como caminho de felicidade é uma ilusão.<sup>12</sup>

Sermos testemunhas da comunhão supõe a coragem de nadar contra a maré. O Espírito Santo nos dará a imaginação necessária para encontrar os meios de nos tornarmos próximos dos que sofrem, escutá-los e nos deixar tocar pelas situações de angústia.<sup>13</sup>

O caminho da felicidade, seguindo os passos de Jesus, reside no dom de nós mesmos, dia após dia.

<sup>11</sup> Antes da sua paixão, Jesus disse aos seus: «Também vocês se sentem agora tristes, mas eu hei ver vocês novamente! Então, o coração de vocês se alegrará e ninguém poderá tirar a alegria de vocês.» (João 16,22)

<sup>12</sup> O filósofo judeu Martin Buber (1878-1965) escreveu: «O Tu encontra-me através da graça, não resulta da minha procura. Mas o fato de lhe chamar Tu, de que eu lhe dirija esta palavra fundamental, essa é a razão do meu ser, o que me faz existir... Torno-me eu próprio através do Tu; tornando-me Eu, eu digo Tu. Toda a vida verdadeira é encontro.»

<sup>13</sup> Alberto Hurtado (1901-1952) é um santo chileno, canonizado pelo Papa Bento XVI em 2005. Este padre jesuíta é muito venerado no seu país devido ao dom da sua vida aos pobres. Ele esteve na origem dos «lares de Cristo», onde são acolhidas pessoas sem-abrigo, crianças, mulheres e homens em situação difícil. Ele tinha como lema da sua vida e das suas ações a seguinte questão: o que faria Cristo no meu lugar? Em 1947, escreveu a propósito dos que lhe estavam confiados: «A primeira coisa a fazer é amá-los... Amá-los até ao ponto de não poder suportar os seus sofrimentos... A minha missão não pode limitar-se a consolá-los com belas palavras e a deixá-los na sua miséria enquanto eu como tranquilamente e não me falta nada. O seu sofrimento deve fazer-me mal... Amá-los para levar a que eles vivam; para que a vida humana se desenvolva neles; para que a sua inteligência se abra e para que eles não permaneçam à beira do caminho. Se os amarmos, saberemos o que devemos fazer por eles. Eles corresponderão? Sim; em parte "... nada se perde daquilo que é feito com amor.»

Pela nossa vida, numa grande simplicidade, podemos exprimir o amor de Deus.

Se as nossas comunidades, as nossas paróquias e os nossos grupos de jovens se tornassem, sempre e antes de mais nada, lugares de bondade do coração e de confiança; lugares onde nos acolhamos uns aos outros, onde procurássemos compreender e ajudar o outro, lugares onde estivéssemos atentos aos mais fracos, aos que não pertencem ao nosso grupinho, aos que são mais pobres do que nós!

Um dos sinais do nosso tempo é a bonita generosidade com que inúmeras pessoas ajudaram as vítimas das dramáticas catástrofes naturais. Como pode esta generosidade animar as nossas sociedades, mesmo na vida quotidiana?<sup>14</sup>

Por mais necessária que seja a ajuda material em certas situações de urgência, ela não basta. O que importa é fazer justiça aos desfavorecidos.<sup>15</sup>

Os cristãos na América Latina nos recordam: o combate contra a pobreza é um combate pela justiça; a justiça nas relações internacionais, não o assistencialismo.<sup>16</sup>

Aprendamos a ultrapassar o medo. Nós conhecemos esse reflexo de proteção que consiste em querermos garantir a nossa segurança em detrimento do bem-estar do outro. E isso parece acentuar-se na nossa época em que aumenta o sentimento de insegurança. Como não ceder ao medo? Não será indo

ao encontro com os outros, mesmo com os que surgem como uma ameaça?

A imigração é outro sinal do nosso tempo. Por vezes, é sentida como um perigo, mas é uma realidade incontornável que já está a moldar o futuro.<sup>17</sup>

Um dos sinais do nosso tempo é ainda a pobreza crescente no interior dos países ricos, onde com muita frequência o abandono e o isolamento são as primeiras causas de precariedade.

A acumulação exagerada de bens materiais mata a alegria. Ela nos mantém na inveja. A felicidade reside noutro lado: na escolha de um estilo de vida sóbrio, no trabalho não apenas com vista ao lucro, mas para dar um sentido à existência, na partilha com os outros, cada um pode contribuir para criar um futuro de paz. Deus não dá um espírito de medo, mas um espírito de amor e de força interior.<sup>18</sup>

## PERDÃO

O Evangelho nos encoraja a ir ainda mais longe: a justiça deve prolongar-se no perdão; as sociedades humanas não podem viver sem ele. Em muitos lugares do mundo, as feridas da história são profundas. Ousemos, então, colocar um fim aquilo que pode terminar hoje. Assim, o futuro de paz, preparado no coração de Deus, poderá desabrochar plenamente.

Acreditar no perdão de Deus não significa esquecer a falta. A mensagem do perdão não pode nunca ser utilizada para aceitar as injustiças. Pelo contrário, acreditar no perdão torna-nos mais livres para vislumbrar as nossas próprias faltas, bem como as faltas e as injustiças que existem à nossa volta e no mundo. Cabe-nos reparar tudo o que pode ser reparado. Neste árduo caminho encontramos um apoio vital: na comunhão da Igreja, o perdão de Deus pode ser novamente dado.

<sup>17</sup> É claro que a imigração deve ser regulada, não por medo do estrangeiro, mas por verdadeira preocupação com a integração. Para os imigrantes, encontrar alojamento e trabalho e aprender a língua são prioridades. Para os países que os acolhem, conceder direitos acompanha a exigência razoável de deveres. Neste contexto, a vocação dos cristãos não será a de mostrar, através da sua vida, que o medo do estrangeiro enquanto estrangeiro não é justificável? Aproximar-se, travar conhecimento, pode ser um primeiro passo para ultrapassar o medo que vem da ignorância.

<sup>18</sup> Ver 2 Timóteo 1,7.

<sup>14</sup> Quando visitou a Grã-Bretanha, o Papa Bento XVI lançou este apelo: «O mundo foi testemunha dos imensos recursos de que os Governos podem dispor quanto se tratou de ir a socorro das instituições financeiras, entendidas como 'demasiado importantes para serem votadas ao fracasso'. Não se pode duvidar de que o desenvolvimento integral dos povos do mundo não seja menos importante: eis um empreendimento que merece a atenção do mundo e que é verdadeiramente 'demasiado importante para ser votado ao fracasso'.»

<sup>15</sup> «Não são os teus bens que distribuis aos pobres, mas apenas lhes restituís o que lhes pertence. De fato, você usurpa o que foi dado a todos para uso de todos. A terra pertence a todos e não aos ricos. Contudo, ela foi tomada por alguns em detrimento de todos os que a trabalham. Assim, você paga uma dívida, o que é bem diferente de dar esmola de forma gratuita.» (Ambrósio de Milão, século IV)

<sup>16</sup> No documento da Conferência de Aparecida (Maio de 2007), a Igreja católica latino-americana escreve: «Trabalhar para o bem comum mundial é promover uma justa regulação da economia, das finanças e do comércio internacional. É urgente continuar a perdoar a dívida externa, a fim de favorecer os investimentos em benefício do desenvolvimento e da despesa social; continuar a prever regulações para prevenir e controlar os movimentos especulativos de capitais, a fim de promover um comércio justo e uma diminuição das barreiras protecionistas dos poderosos, para assegurar preços justos para as matérias-primas que os países empobrecidos produzem. Assim, estabelecer-se-ão normas justas para atrair e regular os investimentos e os serviços.»

Cada ser humano precisa do perdão como do pão quotidiano.<sup>19</sup> Deus o dá sempre, gratuitamente, «ele que perdoa todas as tuas culpas».<sup>20</sup> Abrir as mãos na oração é um gesto muito simples que pode exprimir o nosso desejo de acolhê-lo.

Quando rezamos no Pai Nosso: «Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos...», o seu perdão nos toca de imediato. Não são palavras no ar, alguma coisa se passa quando rezamos estas palavras que o próprio Jesus ensinou: eis-nos pres-tes a perdoar por nossa vez e a não condenar definitivamente outra pessoa quando formos ofendidos.

Cristo distingue entre a pessoa e a falta cometida. Até ao seu último suspiro na cruz, recusou-se a condenar quem quer que fosse. E, longe de minimizar a falta, a tomou sobre si mesmo.

Há situações em que não conseguimos perdoar. A ferida é grande demais. Então, devemos lembrar que o perdão de Deus nunca falta. Quanto a nós, muitas vezes é apenas por etapas que podemos chegar aí. O desejo de perdoar já é um primeiro passo, mesmo quando esse desejo permanece submerso pela amargura.

Ao perdoar, Deus faz mais do que apagar as faltas. Ele concede uma vida nova com a sua amizade, reanimada noite e dia pelo Espírito Santo.

Acolher e transmitir o perdão de Deus: foi esta a via que Cristo abriu. Avancemos por ela apesar das nossas fragilidades e das nossas feridas. Cristo não fez de nós mulheres e homens que já tenham chegado ao fim do caminho.

Sendo pobres do Evangelho, não temos, enquanto cristãos, a pretensão de sermos melhores do que os outros. O que nos caracteriza é simplesmente a escolha de pertencermos a Cristo. Ao

fazermos esta escolha, queremos ser totalmente conseqüentes.<sup>21</sup>

E todos nós podemos fazer esta descoberta: o perdão recebido ou dado é criador de alegria. Se sentir perdoado é talvez uma das mais profundas alegrias, mais libertadoras. Reside aí a fonte da paz interior que Cristo nos quer comunicar. Essa paz nos levará longe; ela brilhará para os outros e para o mundo.<sup>22</sup>

*f. Alois*

<sup>19</sup> Suzanne de Dietrich (1891-1981), teóloga protestante que, nos inícios de Taizé, encorajou o irmão Roger e os seus primeiros irmãos a não hesitarem em se comprometerem para toda a vida em comunidade, escreveu: «O cristão é um homem que vive do perdão, que sabe bem que todos os dias transgride os mandamentos de Deus, mas que também todos os dias regressa a Deus, e que sabe, com uma certeza invencível, que será sempre Deus a ter a última palavra na sua vida. Cristo encarregou-se dele, tornou-se responsável por ele perante o Pai; o cristão não está sozinho na luta, porque aquele a quem se deu nunca o abandonará. A sua certeza funda-se completamente naquilo que ele é agora, mas naquilo que Deus é; na sua fidelidade e no amor de Deus, revelado em Jesus Cristo. É por isso que os seus êxitos não o cegam, nem os seus fracassos o abatem. O cristão volta sempre de novo a levantar-se, porque não pertence mais a si mesmo; pertence a outro.»

<sup>20</sup> Salmo 103,3. Todo este salmo canta o perdão de Deus. E o profeta Isaías, num período sombrio da história, recorda ao povo que Deus perdoa sempre e diz: «Dissipei as tuas revoltas como uma névoa...» (Isaías 44,22).

<sup>21</sup> «O cristão não é apenas de Jesus Cristo, como sem dúvida todos os seres humanos lhe pertencem, mas ele é parte de Cristo, o que quer dizer que a obra que Jesus Cristo realiza no mundo torna-se também o sentido da sua própria ação; o combate que Jesus Cristo trava nas trevas contra as trevas torna-se o combate no qual o cristão deve por sua vez comprometer-se.» (Karl Barth, 1886-1968)

<sup>22</sup> Serafim de Sarov, monge russo do século XIX (1759-1833), escreve: «Alcança a paz interior e milhares à tua volta encontrarão a salvação.»